

FLEXIBILIZAÇÃO NO ENSINO REMOTO

Luciane Porto Frazão de Sousa

Dr^a Educação

NEPAD _ SMDT/Rio

RESUMO

Flexibilização no ensino remoto envolve a construção de conceitos e estratégias num reordenamento educacional a partir da situação de uma pandemia, da necessidade de distanciamento social e da atenção às necessidades particulares que os alunos possam apresentar ao se encontrarem “estudando” em casa. Num primeiro momento, a tecnologia entendida pelo uso de computadores, tablets e afins pareceu ser a ferramenta que poderia equacionar as dimensões do intitulado ensino remoto. Após a identificação de diferentes barreiras encontradas neste processo _ falta dos recursos tecnológicos, falta de acesso à internet, falta de orientações pedagógicas específicas para o contexto _, inúmeros profissionais e responsáveis iniciaram diálogo sobre como eliminar ou minimizar tais barreiras. No meu entender, a construção das estratégias pedagógicas para um ensino remoto envolve: (1) é preciso fazer o PET (Plano Educacional por Tutoria), que se torna mais fácil se já foi feito o PEI (Plano Educacional Individualizado); (2) o PET está fundamentado na identificação das redes educativas (como chegamos a falar aqui), o currículo funcional (com base em competências e habilidades, NÃO em conteúdo escolar), estruturação de rotina (situações de aprendizagem) e a tutoria (orientações aos responsáveis).

Palavras-chave: Ensino remoto; educação inclusiva; redes educativas

I _ INTRODUÇÃO

Flexibilização no ensino remoto envolve a construção de conceitos e estratégias num reordenamento educacional a partir da situação de uma pandemia, da necessidade de distanciamento social e da atenção às necessidades particulares que os alunos possam apresentar ao se encontrarem “estudando” em casa. Num primeiro momento, a tecnologia entendida pelo uso de computadores, tablets e afins pareceu ser a ferramenta que poderia equacionar as dimensões do intitulado ensino remoto. Após a identificação de diferentes barreiras encontradas neste processo _ falta dos recursos tecnológicos, falta de acesso à internet, falta de orientações pedagógicas específicas para o contexto _, inúmeros profissionais e responsáveis iniciaram diálogo sobre como eliminar ou minimizar tais barreiras.

Em se tratando do público de alunos com deficiência e/ou necessidades educacionais especiais, algumas barreiras se apresentam mais contundentes por tratarmos de uma atenção educacional especializada que não se limita ao uso de recursos tecnológicos; mas, envolve a mediação escolar num ambiente extra escola. Nesse contexto, o chamado ensino remoto necessitou ser repensado num formato flexibilizado. Surgiram revisões conceituais importantes!

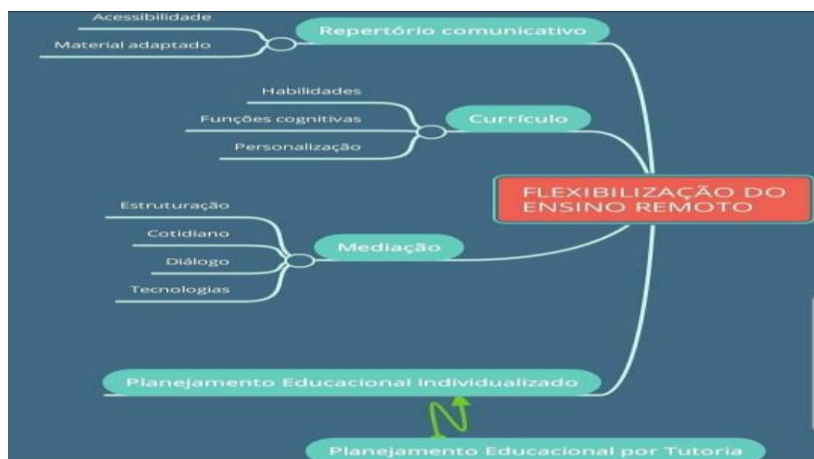


Figura 1. Mapa Conceitual construído a partir de diálogo realizado com profissionais que trabalham com pessoas com deficiência. (SOUSA, 2020)

II _ DESENVOLVENDO UMA FLEXIBILIZAÇÃO NO ENSINO REMOTO

Flexibilização é um tema que envolve Inclusão. Apesar de entender que Inclusão envolve todos os alunos, vamos tentar nos concentrar nos alunos com deficiência/necessidades educacionais específicas, uma vez que a situação pandêmica ocasionou uma procura por referências educacionais que pudessem apoiar a nova realidade apresentada.

Esse trabalho começa com um grupo de discussão sobre possibilidades de atividades em ensino remoto e transforma-se num grupo operativo. Minha proposta inicial tratava de conceituarmos e, por consequência, alinharmos uma dinâmica de ensino-aprendizagem que se encontrava num espaço físico que não é o da escola. Dentre as diferentes definições, compreendi ser ensino remoto o que mais se adequaria ao que estamos vivenciando. O que é ensino remoto?

Surge a necessidade de percorrer uma trajetória que verse sobre os aspectos regulatórios de um processo de ensino-aprendizagem organizado extra muros escolares. Essa temática, durante um determinado período, fundamentou-se numa prática que vislumbrava ensino EAD, homeschooling e outras diferentes denominações numa busca de alicerçar os modos operantes de cada sistema educacional.

“No texto de abertura desta série sobre [“Princípios da Educação Online”](#) (PIMENTEL; CARVALHO, 2020), apontamos que, na Educação Online, a aprendizagem é em rede, colaborativa. Esse princípio se contrapõe à aprendizagem individualista típica da abordagem instrucionista-massiva frequentemente adotada na Educação a Distância (EAD), na qual o aluno interage predominantemente com os conteúdos da disciplina. Na perspectiva da Educação Online, como aqui temos caracterizado, partimos do reconhecimento de que somos atravessados por processos formativos de múltiplas redes educativas (ALVES, 2017) e do reconhecimento de que aprendemos em rede.”

No diálogo sobre as temáticas apresentadas, os estudos apontaram diferentes conexões atreladas ao distanciamento físico do espaço escolar que envolviam inicialmente a utilização de recursos tecnológicos e/ou midiáticos; como também a difusão da conexão de internet como suporte. Por se tratar de um grupo operativo, a dimensão da compreensão de cada membro acerca das conexões e seus desdobramentos educacionais é salutar para a elaboração de uma nova práxis pedagógica. Ao propor o diálogo, devemos estar abertos para todas as questões que possam ser apresentadas, pois a construção é singular ao momento e as particularidades...

“Bom dia! Sou professora da Rede Pública do Município do Rio de Janeiro e muitos de nossos alunos não têm acesso ao ensino à distância. Em relação ao ensino remoto, entendo que por ser emergencial no nosso caso, por um momento de crise, é uma mudança de instruções e uma maneira de se manter conectada a comunidade escolar. No caso dos alunos com necessidades especiais específicas, muitas vezes esbarramos na resistência dos responsáveis em manter esse diálogo, o que é um ponto a ser discutido.”

“Muito bom o trabalho! Amei! Mas, compreendo a fala da colega!

A sociedade brasileira precisa se adaptar aos novos tempos pós pandemia. É necessário construirmos novas relações.

O problema é que a condição financeira de nossos alunos, a carência alimentar, a falta de uma internet grátis na comunidade, prejudicam bastante o trabalho remoto.

Mesmo os professores tiveram que pagar para ter uma internet melhor em casa!

Mas, acredito ser esse o trabalho do futuro! É um caminho...

Precisamos reurbanizar as comunidades para que os alunos possam ter como acessar computadores. Ter saneamento, rede de esgoto, os pais terem trabalho digno.

Durante a pandemia percebemos a preocupação com a alimentação das crianças.

Abrir a escola para que pudessem se alimentar.

Precisamos reestruturar muitas coisas.”

“Muito obrigada! O texto apresenta uma linguagem clara de como os indivíduos, desde os primórdios, necessitam construir o conhecimento em comunidade

Vi no programa do Caldeirão outro dia aquela apresentação da escola da tia Lolo que era uma pessoa simples, mas que partia do cotidiano para ensinar as crianças e foi até a Coreia para ver como se dá o aprendizado

Achei interessante porque a Coreia se reinventou após uma guerra e conseguiu se reerguer a partir da educação. Não consigo compreender como o nosso país com tantos profissionais capacitados ainda não consegue fazer da educação o primeiro plano para que o Brasil se torne um país Desenvolvido Mas acredito que é isso que falta a troca de saberes, discussões e direcionamentos”.

“Eu imagino o quão tem sido difícil o ensino remoto para crianças com necessidades especiais. Pois tenho uma filha e tenho sentido muitas dificuldades pois ela é do estado.”

“Sim Ana! Perguntei a minha filha porque ela gosta de aulas presenciais e percebi na resposta dela que a interação faz toda a diferença Sozinhos eles se sentem inseguros.”

A bibliografia apresentada para fundamentar as discussões motivou o esclarecimento de que ensino remoto é um viés em construção para uma realidade pandêmica que pode não ser traduzida em recursos tecnológicos, quando se trata de alta tecnologia. Podemos estar nos remetendo a novas redes de saberes onde as informações precisem estar atreladas aos núcleos familiares. Por este motivo, os principais conceitos alimentados ao grupo foram os de redes educativas e os de processos colaborativos!

Redes educativas fazem referência a diferentes espaços de acesso ao saber. Então, podemos dialogar com sites da internet, com vídeos no YouTube, com plataformas educativas em diferentes momentos, ao longo da temporalidade de uma situação de aprendizagem. Dessa forma, já me sinto inclinada a entender que ensino remoto NÃO é ficar três/quatro horas

seguidas a frente de um computador (ou celular) vendo/ouvindo um professor e fazendo atividades do livro didático.

E, daí articulo com processos colaborativos. Para cada dimensão dialógica, há um nicho de saber que propõe possibilidade de apropriação do conhecimento e reestruturação do cotidiano. Nesse momento, mais do que nunca, o sujeito precisa reconhecer os saberes escolares atrelados as suas vivências domésticas e comunitárias.

O que é ofertado ao aluno hoje, via ONLINE, colabora com suas atividades domésticas? O responsável consegue participar? E, como podemos dimensionar redes educativas sem o uso do computador, penso?! Pois, tecnologia não se resume a computador.

III _ CONSTRUÇÃO DO ENSINO REMOTO FLEXIBILIZADO

Segundo Pichon-Rivière (1991), o grupo operativo posiciona-se similarmente ao funcionamento de um grupo familiar e pode ser definido como um “conjunto de pessoas reunidas por constantes de tempo e espaço, articuladas por sua mútua representação interna, que se propõe, implícita ou explicitamente, uma tarefa que constitui sua finalidade” (p. 157).

A fim de movimentar o grupo operativo, no sentido de alargar os conhecimentos acerca das possibilidades das redes educativas no ensino remoto, as tarefas apresentadas constituem processos de reflexão ao mesmo tempo que constituem processos de transformação. A tarefa permite uma comunicação significativa, o exame de aspectos importantes para a solução dos enfrentamentos e o próprio feedback.

O grupo operativo sobre flexibilização no ensino remoto se tratou de um Grupo operativo voltado ao ensino-aprendizagem, uma vez que esteve voltado a modalidade em “aprender a aprender”, partindo do pressuposto de que a finalidade era a de treinar o grupo para desenvolver uma tarefa comum: desenvolver instrumentos para acompanhar o ensino remoto para alunos com deficiência e/ou necessidades educacionais especiais.

A) Tarefa 1. Vamos fazer um exercício individual. Vamos mapear o que temos no nosso entorno, dentro e fora de casa, que possa ser considerado educativo? Vamos mapear até 5 elementos!

*Computador, telefone, tv com internet,
Fora de casa temos jardim e paisagem
Claro céu, terra, bairro, casas, tipo de residências*

Livro, brinquedo, automóvel, celular e supermercado.

B) Tarefa 2. Uma provocação: pensar nesses 5 elementos é uma forma de agregar redes educativas e processos colaborativos. Vão nos ajudar a montar o PET (Plano Educacional por Tutoria)!

Vou falar os meus elementos e as conexões possíveis das redes educativas:

Dentro de casa:

celular: comunicação/jogos/informações/relações sociais

TV: linguagem visual/linguagem auditiva/cartografia/centros de interesse

filho: linguagens verbal e não verbal/ funções executivas/regras/divisão de tarefas/exercício do pensar

Fora de casa:

padaria: letramento/sistema monetário/matемática/comunicação/ciências/geografia/sistema métrico
árvore: meio ambiente/cuidados pessoais/ciências

“Vamos ampliar?!”

Dentro de casa :

Linguagem/cognição: pareamento de meias; categorização de roupas das pessoas da família; acesso semântico/vocabulário com objetos numa sacola ou caixa, falar os nomes sem ver o que é;

Motricidade fina: colocar pregadores no entorno de uma vasilha; colocar macarrão nos buracos do escorredor..

O da sacola ou caixa é descobrir pelo tato.”

Após algum tempo para refletir sobre redes educativas e fazer relações com o que cada membro possuía no entorno, o diálogo versou sobre currículo funcional.

“Um currículo funcional, muitas vezes chamado de currículo funcional ecológico, pode ser definido como um meio que favorece a cada aluno o desenvolvimento de oportunidades para uma vida independente, com dignidade e baseado no ambiente natural do aluno.”

O currículo é o projeto que determina os objetivos da educação escolar e propõe um plano de ação adequado para a consecução de ditos objetivos. Supõe selecionar, de tudo aquilo que é possível ensinar, o que vai se ensinar num entorno educativo concreto. O currículo especifica o que, como e quando ensinar e o que como e quando avaliar.

O Currículo Funcional é uma proposta de ensino que visa à melhoria da qualidade de vida de pessoas com deficiência. De um modo geral, trata-se de um amplo empreendimento de ensino projetado para oferecer oportunidades para os alunos aprenderem, as habilidades que são importantes para torná-los independentes, competentes, produtivos e felizes em diversas áreas importantes da vida, familiar e em comunidade. A idéia básica é que o ensino esteja orientado para promover a interação positiva desse aluno com o meio em que vive.

Como Currículo Funcional é aquele que facilita o desenvolvimento de habilidades essenciais, a participação em uma grande variedade de ambientes integrados (FALVEY, 1982), para determinar se uma atividade curricular é funcional ou não, o professor deve se perguntar: caso o aluno não aprenda a desempenhar esta atividade, alguém terá que fazer isto, para ele? Se a resposta for sim, a atividade muito provavelmente será funcional (FALVEY, 1982).

Nesse programa de ensino de ensino remoto, entende-se ser o currículo funcional relevante uma vez que os objetivos são identificados a partir do contexto de vida do aluno e das informações sobre o conhecimento e habilidades que ele tem, bem como sobre aqueles que deverá aprender. Cabe ao professor identificar os objetivos específicos, com clareza e simplicidade, nas diversas oportunidades de ensino que o ambiente escolar; familiar; cultural; comunitário, oferecem.

“Bacana! Pensando nesse currículo funcional, vou começar a atender um aluno de 4 anos. A mãe teve citomegalovírus na gestação. A criança apresenta lesões neurológicas, surdez, déficit cognitivo, seleção alimentar, não dá função para os brinquedos, sem freio inibitório, não tem linguagem. Preciso de mais tempo com ele para melhor avaliação diagnóstica. Para ele, gostei bastante das atividades postadas aqui, como por exemplo, começar com a linguagem para categorizar roupas da família, para as atividades de motricidade, os centros de interesse, as regras. Dentre meus objetivos, como pretendo organizar atividades para que sejam feitas em casa, precisarei ensinar a mãe. Ela ainda grita com o filho surdo, não consegue interagir com

o menino. Então ele não tem rotina, não tem interação com seus pares, mantém pouco contato visual, comida de sal é só feijão. Nos próximos dias farei o plano de atendimento individual, considerando essas performances. Pretendo desenvolver as sequências que o texto fala, com um ensino funcional, linguagem, interação, autonomia.”

Inúmeras articulações importantes para a elaboração de um currículo funcional. Usualmente, utilizamos o currículo funcional com sujeitos com deficiência com comprometimentos mais severos. Porém, nesse momento de ensino remoto, onde alguns sujeitos têm tido maior dificuldade em lidar com as atividades escolares em casa, temos defendido a realização de currículos funcionais. E, têm sido muito produtivos.

“Sou professora de AEE de uma escola pública no interior do estado do RS, Veranópolis, terra da longevidade.

O que é ofertado ao aluno hoje, via ONLINE, colabora com suas atividades domésticas? O responsável consegue participar?

Ensino remoto me parece que surgiu agora, com a pandemia. Uma solução rápida e emergencial. São aulas pontuais, para acompanhar o ensino presencial, por meio da tecnologia.

Claro, diante dos diferentes perfis socioeconômicos dos alunos, quem vai se beneficiar com as soluções tecnológicas? Evidentemente, aqueles que já têm um desempenho escolar melhor.

E onde fica o nosso aluno?

Além de esbarrar, como disseram as colegas, na resistência dos familiares e na pouca condição financeira, incluo a falta de instrução do mediador em casa. Por exemplo, envio atividades de alfabetização impressas para meus alunos com deficiência intelectual, que o familiar não dá conta de ensinar e acaba fazendo ele mesmo, por vezes errada por não compreender o enunciado. Óbvio que eles não têm o método que nós temos, estudamos para tal. Mas vejo esse como grande impedimento de realização das atividades, a falta de instrução do responsável.

Portanto, temos a metodologia, mas temos o afeto também. Esse afeto mágico, maravilhoso, olhar no olho, o toque, o aconchego. Ensinaamos pelo afeto. O ensino exige humanização, interação social. Especialmente com o nosso público. Com o ensino remoto, a sociabilidade fica prejudicada, sem dúvidas. E, voltamos a ideia de redes educativas e processos colaborativos. Como desenvolver para além do uso do computador?!

Acredito que redes, colaboração, dizem sobre um processo interativo, de coautoria, com compromisso de ensinar e de aprender. Por exemplo, na escola, a profe de história e a profe de AEE planejam juntas uma aula sobre a pré-história. Ademais das explicações e conteúdo impresso de forma adequada às diversidades na turma, os alunos forram de papel pardo as paredes da sala, para imitar o interior da caverna, e fazem a tinta com pó e clara de ovo. O aluno autista com habilidades artísticas vai fazer os desenhos de animais, cenas de caça e tals. Esse seria um processo colaborativo, onde duas professoras contribuem para um planejamento eficiente.”

E, como esse exemplo da aula sobre pré história, de forma colaborativa, pode ser aplicada em casa? Nesse chamado ensino remoto?!

Outro dia, ajudei uma mãe a construir um plano de tutoria para o filho. Ele tem 10 anos, Síndrome de Down, e só sabe "andar atrás" da mãe o dia inteiro. Transformamos o currículo de 3º ano num currículo funcional para este período de Pandemia. Mas, isso é para esse menino! Inclusão não se faz por modelos prontos, mas por processos colaborativos X necessidades específicas X metodologias.

Por isso, quis abrir o debate.

IV _ PET: Plano Educacional por Tutoria

Após o envolvimento dos membros do grupo operativo nas mais variadas formas de reflexão e reorganização e uma prática pedagógica residencial, o PET _ Plano Educacional por Tutoria (SOUSA, 2020) é o caminho possível a fim de instrumentalizar a família e os profissionais. Mas, não podemos esquecer que os familiares não são professores (mesmo que tenham formação). Em casa, familiares fazem maternagem. E, atuam como mediadores da aprendizagem. Dessa forma, eles podem ser tutores. Com o apoio dos professores.

No meu entender, a construção das estratégias pedagógicas para um ensino remoto envolve:

1) é preciso fazer o PET (Plano Educacional por Tutoria), que se torna mais fácil se já foi feito o PEI (Plano Educacional Individualizado)

2) o PET está fundamentado na identificação das redes educativas (como chegamos a falar aqui), o currículo funcional (com base em competências e habilidades, NÃO em conteúdo escolar), estruturação de rotina (situações de aprendizagem) e a tutoria (orientações aos responsáveis).

Como não sabemos quanto tempo ainda levaremos nesse processo, ficam as sugestões! Uma vez realizada a avaliação diagnóstica e a identificação das modalidades de aprendizagem, a construção do PEI necessita focar em aspectos pedagógicos acadêmicos e funcionais e envolver profissionais e familiares. Este instrumento fundamentará a prática pedagógica inclusiva. Alcançada esta etapa, a elaboração do PET torna-se ferramenta para priorização das competências a serem desenvolvidas, ferramenta para avaliação docente, ferramenta para acompanhamento do processo de aprendizagem e ferramenta para a tutoria da família.

PLANO EDUCACIONAL POR TUTORIA

Características do Sujeito e Necessidades Pedagógicas	Redes Educativas	Proposta Curricular Funcional	Situações de aprendizagem	
1) Identificação: comunicação, interação, comportamento . Estrutura Educacional: leitura, letramento, escrita, raciocínio matemático, desenho 2) Qualidade da Fala . Compreensão . Interesse . Identificação/Símbolos/Códigos . Aspectos motores/ Viso-motores/Percepções/Atenção/Memória/Lateralidade/Organização Espacial • Aspectos psicológicos	Redes educativas fazem referência a diferentes espaços de acesso ao saber, podendo ser identificados dentro do espaço doméstico (por meio de recursos materiais e humanos); como também, no espaço comunitário (por meio de recursos materiais e humanos).	Currículo Funcional é aquele que facilita o desenvolvimento de habilidades essenciais, a participação em uma grande variedade de ambientes integrados.	Atividades Planejamento residencial/comunitário	Atuação por Tutoria Orientações ao mediador da aprendizagem

Figura 2. Modelo de PET (SOUSA, 2020)

V _ Considerações

A elaboração de uma proposta de trabalho educacional que esteja relacionada a questão pandêmica potencializa a criatividade de profissionais da Educação a fim de melhor enfrentamento dos possíveis obstáculos. Compreendendo que não existem modelos fixos, as estratégias são construídas a partir das diferentes realidades existentes nos espaços residências de cada aluno. Possibilidades midiáticas/alta tecnologia para alguns, possibilidades conectadas com a comunidade para outros.

No que tange ao universo de aluno com deficiência, o contexto mediatizado ganha mais importância pois há uma lacuna significativa pela falta de outros profissionais e situações de aprendizagem promovidas pelo espaço escolar; bem como a ressignificação da funcionalidade da escolarização tendo o responsável como intérprete do currículo proposto.

Dentre as demandas de atenção e escolarização em ritmo pandêmico, o conceituado ensino remoto, e as necessidades educacionais específicas, proponho o PET como instrumento de uma prática educacional que equaciona redes educativas comunitárias, processos formativos e currículo funcional como estratégias de ensino que podem adentrar a proposição de um ensino híbrido. Segue um estudo de caso como consolidador das reflexões assinaladas.

1. Realizando um Estudo de Caso: Vitor (nome fictício) é um menino de 7 anos, com quadro de TEA, que mora com a mãe e avós maternos. Ele está matriculado no 2^a ano do Ensino Fundamental, numa escola que se apresenta com currículo básico conteudista e que oferta ao Vitor profissional de apoio escolar. Nesse momento, em realização ao ensino remoto, tem sido ofertado ao Vitor e aos demais colegas da turma o uso das plataformas digitais. Porém, Vitor apresenta baixa atenção, o que dificulta sua permanência na utilização das plataformas por um longo período de tempo. Outro fator, é a ausência do profissional de apoio para dar suporte ao desenvolvimento das tarefas escolares. E, por fim, o fato de Vitor aproveitar esse momento para estar mais tempo próximo a mãe. Por conta do contexto apresentado, elaboramos um PET para Vitor.

Plano educacional por Tutoria

Características do Sujeito e Necessidades Pedagógicas	Redes Educativas	Proposta Curricular Funcional	Situações de aprendizagem

Menino autista 7 anos Linguagem verbal comprometida (uso de palavras monossilábicas) Uso de gestos Comportamento agressivo, quando contrariado Agitado Baixa concentração Precisa de apoio para interagir com outras pessoas Compreende ordens e regras Reconhece números até dez Resolve problemas concretos Gosta de recortar Gosta de jogar no celular	<p><u>Dentro de casa:</u> celular: comunicação/jogos/informações/relações sociais</p> <p>TV: linguagem visual/linguagem auditiva/cartografia/centros de interesse</p> <p>família: linguagens verbal e não verbal/funções executivas/regras/divisão de tarefas/exercício do pensar</p> <p><u>Fora de casa:</u> padaria: letramento/sistema monetário/matemática/comunicação/ciências/geografia/sistema métrico</p> <p>árvore: meio ambiente/cuidados pessoais/ciências</p>	<p>✓ Alfa beto (vogais e consoantes)</p> <p>✓ Sílabas tônicas e classificatórias</p> <p>✓ Tipos de frases</p> <p>✓ Substantivos (próprio e comum)</p> <p>✓ Feminino e Masculino</p> <p>✓ Adjetivos</p> <p>✓ Ações – verbo</p> <p>✓ Comparação dos números: maior e menor que, igual e diferente</p>	<p>Atividades</p> <ol style="list-style-type: none"> Preparo de refeições: café da manhã, almoço, lanche e janta Organização do quarto Organização dos brinquedos Organização das roupas no guarda-roupa Higienização do banheiro Organização de horários /programas de televisão Audição de canais de transmissão de rádio Compra de itens na padaria 	<p>Atuação por Tutoria</p> <ol style="list-style-type: none"> Conduzir o olhar da criança da esquerda para a direita, utilizando uma lanterna. Estimular que a criança olhe para um objeto indicado. Produzir pelo menos o reconhecimento de dez objetos e nomeá-los, ainda que seja indicando, caso a criança não consiga verbalizar. Construir uma
---	---	---	---	---

Gosta de atividade ao ar livre		<p>e</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Códigos e leituras de placas ✓ Sequência numérica ✓ Escrita numérica ✓ Ordens crescente e decrescente ✓ Dezena, meia dezena, dúzia, meia dúzia e dúzia e meia ✓ Par e ímpar ✓ Adição e subtração simples ✓ Situações- 		<p>“teia” com linha ou lã colorida para que a criança compartilhe a atenção.</p> <p>5) Jogar bola para a criança agarrar (quantas vezes forem necessárias). Caso ela não corresponda, colocar um cesto ou um balde perto dela e acertar a bola neste objeto, para despertar o interesse.</p> <p>6) Levar o dedo indicador da criança até uma gravura ou</p>
--------------------------------	--	---	--	---

		<p>problema</p> <p>✓ Medidas (capacidade, tempo, massa e comprimento)</p> <p>✓ Preservação do ambientes naturais</p> <p>✓ Seres vivos e seres não vivos</p> <p>✓ Necessidades dos seres vivos</p> <p>✓ Alimentação dos animais e pessoas</p> <p>✓ Cuidados com o ambiente (recursos</p>		<p>fotografia, nomeando.</p> <p>7) Imitar as ações da criança, em frente ao espelho.</p> <p>8) Imitar as ações da criança, de frente para ela.</p> <p>9) Ouvir músicas que possuem rima, fazendo gestos motoras quando a rima ocorrer.</p> <p>10) Encontra oंतरa o objeto os escobon did</p>
--	--	---	--	--

		<p>s natu rais)</p> <p>✓Família e compon ente s fami liare s</p> <p>✓Árvore Gen ealó gica</p> <p>✓Difere ntes tipo s de famí lias</p> <p>✓Hábito s e cost ume s</p> <p>✓Comp araç ão (atu al e anti go)</p> <p>✓Convi vên cia nos grup os soci ais</p> <p>✓Repres enta ção por dese nho</p> <p>✓Locali zação</p> <p>✓Uso cole tivo do espa ço (dir</p>		<p>os</p> <p>11) V er b al iz ar as et a p as d e re al iz aç ã o d e u m a ta re fa</p> <p>12) R ea li za r re gi st ro s d as ta re fa s (g ra fi a o u i m a g e m) e fi</p>
--	--	--	--	--

		<p>eito s e dev eres) √Difere ntes tipo s de visã o (cim a para baix o, de fren te e de lado) √Morad ia (par tes da casa , plan ta baix a e tipo s de mor adia)</p> <p>Os temas elencado s acima fazem relação com o currículo escolar do ano em que Vitor está matricul ado e com as redes educativ as observad as; tendo como</p>		<p>x ar e m lo ca l vi sí v el . 13)</p>
--	--	--	--	--

		referências a os conceitos construídos.		
--	--	--	--	--

VI _ Referências Bibliográficas:

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2007.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Decreto n. 6.571, de 17 de setembro de 2008.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Marcos Políticos Legais Da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC, 2010.

MITTLER, P. Educação Inclusiva: contextos sociais. Porto Alegre: ARTMED, 2003.

MIZUKAMI, M.G.N. Ensino: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.

POKER, R.B.; MARTINS, S.E.S.O.; OLIVEIRA, A.A.S. et al. Plano de Desenvolvimento Individual para o Atendimento Educacional Especializado. Oficina Universitária/Cultura Acadêmica, 2013.

RODRIGUES, D (Org.). Inclusão e educação: doze olhares sobre a Educação Inclusiva. São Paulo: Summus, 2006

SEBASTIAN, E. A escola inclusiva e estratégias para fazer frente a ela: as adaptações curriculares. Acta Scientiarum Education, Maringá, v. 32, n. 2, p. 193-208, jul./dez.2010.

STAINBACK, S.; STAINBACK, W. Inclusão: Um guia para educadores. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999

MANTOAN, M.T.E. Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

MANTOAN, M.T.E.; GOMES, A.L.; FERNANDES, A.C.; BATISTA, C. A.M.;

FIGUEIREDO, R.V.; SALUSTIANO, D.A. Deficiência Mental. São Paulo: MEC/SEESP, 2007.

MANTOAN, M.T.E. (Org.). O desafio das diferenças nas escolas. Petrópolis, Rio de Janeiro BRASIL. Ministério da Educação. Plano de Desenvolvimento da Educação: razões, Princípios e programas. Brasília: MEC, 2007.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, 2006.

ABDUCH, C. Grupos Operativos com Adolescentes. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. *Cadernos, juventude, saúde e desenvolvimento*. v. 1 Brasília, DF, ago. 1999.v. 1.

BASTOS, A. B. B. *Interações e desenvolvimento no contexto social da creche à luz de Henri Wallon*. 1995. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1995.

_____. A escuta psicanalítica e a educação. *Revista Psicólogo inFormação*, São Bernardo do Campo, ano 13, n. 13, p.91-98, jan./dez. 2009.

GAYOTTO, M. L. *Conceitos básicos que facilitam a compreensão do início de um grupo*. Artigo referente ao curso de especialização em Coordenação de grupos operativos do Instituto Pichon-Rivière. [S.l.: s.n.], 1992. (xerocopiado).

KUPFER, M. C. O que toca à/a Psicologia Escolar. In: _____. *Psicologia escolar; em busca de novos rumos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

PICHON-RIVIÈRE, E. *Teoria do vínculo*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. *O processo grupal*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

RUBINSTEIN, E. R. *O estilo de aprendizagem e a queixa escolar: entre o saber e o conhecer*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

WALLON, H. *A Evolução Psicológica da criança*. Lisboa: Edições 70, 1968.

_____. *Objetivos e métodos da psicologia*. Lisboa: Estampa, maio 1975.

_____. *Psicologia e Educação da Infância*. Lisboa: Estampa, maio 1979.

WEREBE, M. J. G.; NADEL-BRULFERT, J. (Org.). *Henri Wallon*. São Paulo: Ática, 1986. (Grandes cientistas sociais, 52).

VISCA, J. *Clínica psicopedagógica: epistemologia convergente*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.